V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E CIDADANIA: 30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife · Pernambuco · 2018

Alô, alô extremo Norte! A história do rádio nos estados do Pará e Amapá[1]

Patricia Teixeira Azevedo Wanderley[2]
Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
Luciana Miranda Costa[3]
Anathália Maia da Silva Bezerra[4]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

Resumo

Este artigo busca, por meio de uma narrativa histórica, contribuir com informações sobre a gênese da radiodifusão na Amazônia, tendo como foco dois importantes estados da região: Pará e Amapá. A pesquisa se baseia em levantamento bibliográfico, registros das próprias rádios e dados da mídia. A primeira transmissão radiofônica na Amazônia aconteceu no Pará, em Belém, em 1928, cinco anos após a primeira transmissão oficial no Brasil, com o surgimento da rádio Clube do Pará, a quarta emissora do país. Já em Macapá, o rádio terá sua primeira transmissão em setembro de 1946, 23 anos depois da primeira transmissão pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Uma das peculiaridades, que une a história desses dois estados, são as cidades limítrofes do Pará ouvirem os programas de rádio da Difusora de Macapá, especialmente o "Alô alô Amazônia", que permanece no ar há mais de 60 anos.

Palavras–Chave

Rádio; História do Rádio; Rádio Clube do Pará; Rádio Difusora de Macapá; Amazônia

Introdução

Informação, música e entretenimento. Mais do que uma simples caixinha acústica, que transmite emoção por meio de ondas sonoras, o rádio se transformou em um integrante assíduo do cotidiano de milhares de ouvintes. Por mexer com os sentidos através da audição, o rádio mantém destaque frente a outros meios, por não deixar o ouvinte "fixo" frente a ele e "dar asas" à imaginação. E assim, muitas pessoas ainda buscam no rádio, o "amigo" de todas as horas. É interessante observar que, mesmo com o avanço das novas tecnologias, milhares

[1] Trabalho apresentado no GT 5 – Mídia Sonora integrante do do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Email: patryciateixeira@gmail.com
[3] Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - PPGEM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: lmirandaeua@hotmail.com
[4] Graduanda do 7º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: anathaliamaia@gmail.com

de pessoas utilizam o rádio como principal meio de informação no país. Como já havia ressaltado Costa (2001), ao usar o exemplo do rádio em Belém, o veículo sobreviveu e se reinventou após a chegada da TV, na década de 50 e da internet, mais recentemente. A alocação de espaços durante a programação das rádios comerciais para diversas igrejas, assim como a compra de emissoras por diferentes denominações religiosas, também apontam nesta direção.

> Desde o início da década de 90, a programação esportiva e policial das rádios vem caminhando rumo à terceirização. Produtoras independentes, geralmente ligadas a agências de publicidade, contratam profissionais, vendem anúncios e patrocínios, alugam horários nas rádios e dividem os lucros com as emissoras. A fórmula foi a solução encontrada para que muitos programas não saíssem do ar. (...) A terceirização de alguns setores, a redescoberta dos programas jornalísticos, as promoções nas FMs e as experiências virtuais são alguns deles. (COSTA, 2001, p.210)

Cada novo meio de comunicação que surge suscita uma onda de discussão sobre seu mérito e sobre as vantagens e desvantagens de se aderir ao novo processo (GONTIJO, 2004). Assim também se deu com o surgimento do rádio e seus programas. Ocorre que atualmente, com os avanços tecnológicos e a entrada do rádio digital[5], ainda há muitos questionamentos sobre de que forma essas alterações vão influenciar o processo radiofônico e a história do veículo que caminha para os seus 100 anos de existência no país.

O Rádio no Brasil: um breve histórico

A origem das transmissões AM[6] no Brasil é datada de 07 de setembro de 1922, quando a indústria americana Westinghouse efetuou a primeira transmissão experimental radiofônica no país: o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, em razão das comemorações do Centenário da Independência, através de um transmissor de 500 watts (FERRARETTO, 2001, p.96). Porém, ressalta-se, como observou Ortriwano (1985), que a Rádio Clube de

[5] Para mais informações sobre o tema, acessar: http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/PAPO-DE-FUTURO/504893-POR-QUE-O-RADIO-DIGITAL-DEMORA-TANTO.html e http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Implantacao%20do%20Radio%20Digital%20no%20Brasil.pdf,

6 Onda Média (OM) – é a modalidade de serviço de radiodifusão que opera nas faixas de 525 KHz. a 1.605 KHz e 1.605 KHz a 1.705 KHz, com modulação em amplitude A **onda média** (ou **ondas médias**) é uma faixa de rádio compreendida entre 530 kHz e 1700 kHz utilizada para radiodifusão sonora. A menção "AM" deve-se ao modo habitual de transmissão, a modulação em amplitude. No entanto, a radiodifusão em onda média pode ser exercida também digitalmente em DRM ou HD Radio. Disponível em: http://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/. Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Onda_m%C3%A9dia e em http://www.guia.heu.nom.br/tipos_definicoes_ondas.htm

Pernambuco, até hoje no ar, já existia quatro anos antes, o que leva muitos a pensarem que o rádio no Brasil surgiu em Recife, no dia 06 de abril de 1919, quando foi inaugurada, com um transmissor importado da França, a Rádio Clube de Pernambuco, por Oscar Moreira Pinto. No entanto, tratava-se ainda de experiências radiotelegráficas e não radiofônicas.

> Definitivamente, podemos considerar 20 de abril de 1923 como a data de instalação da radiodifusão no Brasil. É quando começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize, impondo à emissora um cunho nitidamente educativo. (ORTRIWANO, 1985, p. 13)

Idealizador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Roquete Pinto é considerado o "pai do rádio brasileiro" e, em sua homenagem, o Dia Nacional da Radiodifusão é datado do mesmo dia de seu aniversário: 25 de setembro. Figueiredo (2003) enfatiza que as primeiras décadas do Rádio AM (ondas médias) foram marcadas pela ausência de anúncios ou patrocínios, pois ainda não existia a chamada publicidade radiofônica, que só passa a ser autorizada em 1931 pelo governo Getúlio Vargas. Por outro lado, o veículo nascia como um meio elitista, não alcançando a maioria da população, já que os aparelhos receptores eram muitos caros e importados. A programação também seguia a mesma linha, com declamação de poesias, solos ao piano, música clássica e leitura de notícias de jornais.

O rádio, marcado inicialmente pela precariedade técnica, irregularidade das transmissões e pelo improviso, se fortalecia lentamente com o surgimento das rádios clubes e "rádios sociedades", que sobreviviam de doações de comerciantes e profissionais (cientistas, médicos, advogados etc) bem-sucedidos da época, quer por meio de recursos financeiros ou pelo empréstimo de vinis.

Com a liberação da publicidade, o profissionalismo ganha terreno, abrindo espaço para os programas populares de auditório, transmissões esportivas regulares, radiojornalismo e radionovelas. Os "Anos Dourados", na década de 40, vão ter na Rádio Nacional do Rio de Janeiro seu principal ícone. Já a década de 50, foi marcada pelo aparecimento da TV, levando o rádio a passar por várias transformações para se adaptar a evasão de verbas publicitárias e de seus profissionais.

As décadas de 60 e 70 foram marcadas, portanto, pelo rádio se reinventando por meio do tripé: música, serviço e entretenimento. O surgimento das FMs[7], rádios de frequência

[7] Freqüência Modulada (FM) – é a modalidade de serviço de radiodifusão que opera na faixa de 87,8 MHz a 108 MHz, com modulação em frequência. Disponível em http://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/

modulada, nos anos 70, com menor alcance, mas com melhor qualidade de som, reaproximaram o veículo do público jovem. Ortriwano (1985) observa que a partir da década de 80, o Rádio FM procurou se especializar, buscando se atingir diferentes faixas sócio-econômico-culturais, buscando uma linguagem mais propícia ao público e aos anunciantes. Nos anos seguintes, a entrada da internet representou novas possibilidades e novos desafios. A rádio web é um deles, assim como os *smartphones* e os *sites* e aplicativos que permitem ao ouvinte baixar de modo personalizado suas músicas preferidas sem necessidade de se conectar a uma emissora[8]. O Brasil também assiste, desde o início dos anos 2000, os testes para implantação do rádio digital, mas com mais de 10 anos de estudos e experimentos, o governo e as emissoras ainda não chegaram a nenhum consenso sobre o tema.

> Atualmente, vivemos a sociedade da cultura midiática ou cibercultura na qual os componentes digitais - como recurso avançado da tecnologia - vão imprimir outros procedimentos de conduta ao ser humano. Passou-se do sistema analógico para o sistema digital em que é possível extrapolar os sentidos, ampliar o caráter da intersubjetividade entre atores sociais em lugares distintos, subvertendo as concepções de sociedade formalmente, organizada e de onde transgride-se o paradigma de tempo e espaço, de ser e não-ser, de estar circunscrito geograficamente em ambientes determinados" (GOMES, 2007, p.5).

Vale destacar também, do ponto de vista da normatização, a criação da Radiobrás – Empresa Brasileira de Radiodifusão, pela Lei n° 6.301, de 15 de dezembro de 1975 e, posteriormente, em 2008, da EBC, Empresa Brasileira de Comunicação[9].

> Pela Lei que a instituiu a Radiobrás tem como finalidades básicas: organizar emissoras, operá-las e explorar os serviços de radiodifusão do Governo Federal; montar e operar sua própria rede de repetição e retransmissão de radiodifusão, explorando os respectivos serviços; realizar a difusão de programação educativa, produzida pelo órgão federal próprio, bem como produzir e difundir programação informativa e de recreação; promover e estimular a formação e o treinamento de pessoa especializado, necessário às atividades de radiodifusão e prestar serviços especializados no campo da radiodifusão. (ORTRIWANO, 1985, p. 25).

O rádio na Amazônia

Até 2004, segundo Jung (2004), o rádio era o meio com maior penetrabilidade geográfica no Brasil, atingindo 96% do território nacional, diferentemente da TV, que precisa

[8] Um bom exemplo é o Spotify: https://www.spotify.com/br/
[9] Mais informações em: http://www.ebc.com.br/

se adequar aos padrões digitais, e da internet, que ainda não é uma realidade acessível a todos os brasileiros. Ambas não possuem cobertura técnica para atingir todo o público com eficácia geográfica, nem a totalidade da população possui condições financeiras para arcar com as despesas que a instalação digital exige no que tange à TV ou aos preços da cobertura banda larga, 3G ou 4G da internet.

Na Amazônia observa-se ainda poucos estudos no que diz respeito à história do rádio, considerando-se a diversidade e extensão da região, na qual o veículo assume papel imprescindível. Segundo Haussen (2001), em nível nacional, a produção científica sobre rádio tinha menor destaque em referência ao impresso e à TV. Em 2008, Jacks afirmava que o rádio ainda era pouco conhecido, fazendo uma análise do rádio como objeto de pesquisa em teses e dissertações na década de 90, nas quais encontrou apenas 50 trabalhos contra 136 sobre a televisão. Em nível internacional, Menezes (2007) observa que os primeiros estudos na área radiofônica aconteceram na Alemanha, pois naquele país, os movimentos sociais, sindicais e partidos políticos utilizaram o meio. As pesquisas se centravam em analisar se o veículo estava correspondendo às expectativas de determinados grupos, mais do que se os ouvintes estavam satisfeitos com o conteúdo em si.

Em termos de populações contempladas, segundo o site "O Pará nas Ondas do Rádio"[10], o rádio é o principal veículo de comunicação na Amazônia. O sinal abrangente do rádio e sua programação – contendo notícias das mais variadas áreas, entretenimento, recados, música, mensagens religiosas, informes comunitários e avisos, faz com que ele seja um dos veículos mais populares dentro desse eixo.

> Ainda hoje, na era da comunicação digital, o rádio cumpre importante papel na Amazônia, já que naquele imenso território, onde os rios funcionam como as grandes avenidas, em muitas localidades, como na vila Serrinha, comunidade quilombola do rio Trombetas, no Baixo-Amazonas, Norte do Pará, o aparelho de rádio, de pilha ou a manivela, reduz a distância com a cidade, já que a viagem, em pequenas embarcações, demora três horas de ida e mais três de volta. Por isso, todos os dias, entre às quatro e cinco horas da tarde, dona Miraci Regis de Melo liga o seu aparelho para ouvir as mensagens do programa "Correio do Interior", da *Rádio Jornal Cidade de Oriximiná"* (FERREIRA, 2005, p.11).

Segundo Ferreira (2005), na Amazônia, o rádio foi fator principal para integrar as capitais e as distantes cidades do interior, ligadas por via fluvial na primeira metade do século

10 Disponível em: www.oparanasondasdoradio.ufpa.br

20. Essas áreas rurais ficaram por décadas quase que totalmente isoladas, enquanto os jornais impressos se concentravam nas zonas urbanas.

> A imprensa, antecessora do novo veículo, cumpriu o papel fundamental de formadora da força de trabalho para o rádio. Foi o que aconteceu em Belém, onde a mão-de-obra dos jornais foi recrutada pela primeira emissora que se instalou na região. Edgar de Campos Proença, um dos fundadores da Rádio Clube do Pará, atuava no jornalismo na década de 20. A emissora foi ao ar no dia 22 de abril de 1928 e é tida como a quarta do Brasil. (FERRREIRA, 2005, p.1)

Para ajudar a registrar a história do rádio no extremo Norte do Brasil, optamos por mergulhar nas ondas hertzianas dos estados do Pará e Amapá, resgatando fatos e ações que contribuíram para a legitimação desse produto midiático influente, que faz parte da identidade amazônica.

O Rádio no Pará

A História do Rádio no Pará se confunde com a História do Rádio na Amazônia. A Rádio Clube do Pará é considerada a primeira rádio inaugurada no estado e na Amazônia. Fundada em 22 de abril de 1928 por Edgar Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio, a emissora é a quarta mais antiga do Brasil.

> Antes do rádio, o contato entre o homem do interior da região e o mundo urbano, era feito pelo barco que abastecia os seringais e pequenas povoações com suas mercadorias. A casa aviadora ou "regatão" quebrava o isolamento e levava também as cartas dos parentes que viviam nas localidades, às margens dos rios. (FERREIRA, 2005, p.1)

Segundo a autora (2005), na Amazônia, a era do rádio chegou 100 anos depois do primeiro jornal impresso ser lançado na região, se tornando a principal novidade do séc. XX. A programação radiofônica na Amazônia, não era muito diferente do que estava acontecendo em nível nacional. Programas de auditório, musicais, concursos de calouros, radionovelas, jornalismo e esporte eram alguns dos formatos apresentados pelas rádios regionais.

Enquanto os jornais impressos cresciam no perímetro urbano, as rádios avançavam em proporção nas localidades distantes, tendo um papel muito importante na integração da capital e interior, que nesta época era abastecido de informação por via fluvial. "As ondas do rádio chegavam até os vilarejos mais distantes, na beira do rio, nos garimpos, nos seringais,

nas fazendas, nas roças, dentro das canoas, dos barcos, dos navios, dos caminhões tipo pau-de-arara, etc." (FERREIRA, 2005, p.1). A imprensa também contribui para o formato desenvolvido no Rádio da época, pois foi dela que saiu a força de trabalho radiofônica.

A partir de 1942, a Rádio Clube passou a ser ouvida em vários pontos da região, por adquirir um transmissor OT (Ondas Tropicais) [11] e, três anos depois, em 07 de junho de 1945, ultrapassou os limites do estado e passou a transmitir programas especiais para o estado do Amapá.

Costa (2011) e Ferreira (2005) apontam como um dos programas de utilidade pública da época, o "Mensageiro para o Interior", que transmitia informações que eram captadas e passadas de boca em boca, até chegar ao destinatário, caso ele não tivesse o aparelho de rádio. Por assegurar mais rapidez do que o Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT) da época, o programa foi alvo de conflito entre um diretor do DCT e a rádio, que foi solicitada a retirar o programa do ar, sob alegação de concorrência com a empresa estatal.

> Edgar Proença foi a Brasília e mostrou um mapa do Pará ao ministro das Comunicações. Em seguida, explicou que um telegrama enviado das margens do rio Iriri para a sede do município de Altamira, no oeste do Pará (hoje chamada de Terra do Meio), levava quatro dias de barco para chegar ao destinatário. (FERREIRA, 2005, p.2)

O "Mensageiro para o Interior" foi mantido. "As grandes distâncias e as dificuldades de acesso convenceram o ministro de que a população da Amazônia não podia prescindir da rapidez da mensagem radiofônica" (VIEIRA & GONÇALVES, 2003 *apud* FERREIRA, 2005)

A rádio Clube do Pará foi propriedade da família Proença, até meados de 1990, quando foi vendida para um grupo de empresários, que tornou a vendê-la, dessa vez, para o governador da época, Jader Barbalho (MDB).

Outra rádio, cujos programas marcaram a história do Estado do Pará, foi a rádio Marajoara. Em 07 de setembro de 1954, a rádio foi inaugurada em Belém. Quatro anos depois de trazer a Televisão para o Brasil, Assis Chateaubriand, implantou a Rádio Marajoara na

[11] É a modalidade de serviço de radiodifusão que opera nas faixas de 2.300 kHz a 2.495 kHz, 3.200 kHz a 3.400 kHz, 4.750 kHz a 4.995 kHz e 5.005 kHz a 5.060 kHz, com modulação em amplitude. A origem da designação "ondas tropicais" está associada ao (uso entre os trópicos) e com a comparação do seu "comprimento de onda", da ordem de dezenas de metros (sendo por isso também chamadas ondas decamétricas), com o comprimento de onda de outras radiações eletromagnéticas, mais longas, como as ondas médias (ondas hectométricas) e longas (ondas quilométricas). Mais informações em: http://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/ e https://pt.wikipedia.org/wiki/Onda_tropical_(radiodifus%C3%A3o)

capital paraense. Cobrindo a área policial e de problemas urbanos da cidade de Belém, o programa Patrulha da Cidade, estava entre os de maior sucesso da época.

> A rádio Marajoara foi a emissora que deu maior destaque ao jornalismo, mantendo uma grande equipe de repórteres, cobrindo eventos, tendo o suporte de agências noticiosas e emissoras de outras localidades. Além do Grande Jornal Marajoara, a emissora possuía o Informativo E-20, que funcionava com edições extras e plantões de notícia no decorrer da programação. (COSTA, 2001, p.221)

Segundo Costa, Sousa & Costa (2011) existiam em 2011 em Belém, vinte e uma emissoras de rádio (14 FMs, cinco AM's e duas OTs). Destas, sete pertenciam a grupos religiosos, com apenas uma sendo católica.

> Hoje existem mais de uma centena de rádios AM e FM operando na Amazônia, além das novas emissoras, as rádios comunitárias, que contam com um menor raio de alcance, mas que podem prestar bons serviços à população das localidades onde estão instaladas. (FERREIRA, 2005, p.6)

O Rádio no Amapá

Em 11 de setembro de 1946, se instalava no Amapá a primeira emissora de rádio. Pelo decreto-lei 5.814, de 13 de setembro de 1943, era criado pelo governo federal, o território Federal do Amapá. A rádio fazia parte do projeto do governo para divulgação de seu plano de ação e desenvolvimento. Segundo Cunha (2011, p.278), a emissora inicia com um sistema de alto falantes instalado na Rua Cândido Mendes, em Macapá. Sem outorga definitiva, a emissora – sob o dial ZYE-2 Rádio Difusora (1.460 KhZ, 205.5 metros) – entrou no ar no dia 15 de junho de 1945, mas só foi inaugurada oficialmente em sede própria, um ano depois, facilitada ao então governador Janary Nunes, pelo presidente Getúlio Vargas.

A primeira transmissão foi marcada pelo discurso do governador em exercício, Raul Monteiro Valdez, anunciando o primeiro *slogan* da emissora, adequado aos objetivos governamentais: "Uma voz no Amapá a serviço do Brasil". Ainda segundo Cunha (2011), em 1978, o governo federal, por meio do Sistema Radiobrás, adquire a emissora que passa a se chamar Radio Nacional de Macapá, com uma programação produzida e gerada de Brasília, substituindo a maior parte da programação local. Somente em 1989, o governo do Estado reassume o comando e retoma o nome de origem: Rádio Difusora de Macapá (RDM). Hoje,

a emissora funciona sob o dial 630 KHz e possui como principais programas o Jornal Difusora, O esportivo Bola ao Centro e o Alô alô Amazônia.

Segundo o *site* da emissora[12], antes das primeiras transmissões em Macapá, o Pará contribui de forma significativa para a difusão da informação no estado do Amapá através das ondas do rádio. Em 1945, o tenente e jornalista Paulo Eutério Cavalcanti de Albuquerque foi autorizado pelo governador do território, capitão Janary Nunes, a manter contato com Edgar Proença e Roberto Camelier para obtenção de horário noturno em um dia da semana, para a transmissão de programas especiais sobre o Amapá, através da PRC-5. Dessa forma, no dia 07 de junho de 1945, a Rádio Clube do Pará (PRC-5), deu início a irradiação de programas especiais sobre o território do Amapá, sempre às quintas-feiras, a partir das 19h30. [13]

A segunda emissora a operar em amplitude modulada no Estado foi a Rádio Equatorial de Macapá – ZYD 11. Ela foi ao ar pela primeira vez em 23 de dezembro de 1962, funcionando em fase experimental, operando de forma clandestina até março de 1964, quando foi fechada pelo governador General Luiz Mendes da Silva. Segundo Arantes, Carvalho & Cavalcante (2012), todo o acervo técnico, artístico e patrimonial da emissora foi incorporado à Rádio Difusora. Em seguida, em 08 de agosto de 1968 a rádio Educadora São José, pertencente a prelazia de Macapá, entrou no ar, permanecendo até 20 de abril de 1978.

O programa de maior audiência da pioneira, Rádio Difusora de Macapá, que sobreviveu às diferentes nomenclaturas e administrações, continua no ar até hoje: "Alô alô Amazônia"[14]. O programa liga as comunidades isoladas do Pará e Amapá, à capital do estado, Macapá. É transmitido de segunda a sexta, entre 13h e 15h, e sábados pela manhã, e apresentado pelos locutores Lima Jr e Janete Carvalho. Com suas leituras de mensagens do interior para a capital e vice-versa, o programa é a ponte mais rápida para aproximar muitas comunidades ribeirinhas. São recados que tratam de amor e saudade, avisos de cobrança,

[12] Disponível em: http://www.difusora.ap.gov.br/
[13] Para mais informações sobre a história da rádio ver: Hadad, Carla; Serra, Odilson; Oliveira, Ivan. Rádio Difusora de Macapá: Ícone do Jornalismo Amapaense. (s.l) Projeto História da Comunicação Amapaense. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011. No prelo. Disponível em < http://www2.unifap.br/c-regional/files/2012/12/R%C3%81DIO-DIFUSORA.pdf>
[14] Para mais informações sobre o programa ver: Martins, Benedito Rostan. Alô, Alô, Amazônia. SP: Editora Limiar, 2005. Martins Benedito Rostan Alô Alô Amazônia oralidade medida pelo rádio: análise de produções radiofônicas na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. . Acessar também: https://www.youtube.com/watch?v=xZO2-sRuUFI, http://castanha.org/project/alo-alo-amazonia/, https://www.youtube.com/watch?v=LcLVtU-dOoQ,

felicitações de aniversário e casamentos, notas de falecimento, além de outras demandas do dia a dia. São registros pessoais que só se tornam públicos pela necessidade de comunicação.

Em julho de 1996, o programa passou pelas primeiras reformulações, saindo da fala constante, para "mensagens" e músicas intercaladas, com o objetivo de equilibrar música e texto. Essa estrutura permanece até hoje, assim como o sorteio de aparelhos de rádio para o interior

Segundo Martins (2005), o programa entre os anos de 2002 e 2003, período pesquisado pelo autor, era discriminado na emissora e na cidade. "Apesar da importância do Alô alô, Amazônia para as comunidades interioranas do Amapá, o citadino discrimina a singeleza das mensagens e reclama de textos mal redigidos, de alguns ritmos musicais e de muita falação". (MARTINS, 2005, p.22)

O autor observou ainda, nestes mesmos anos, uma realidade difícil para os ouvintes que procuravam a rádio para terem suas mensagens lidas. Na maioria das vezes, eles chegavam cedo à emissora, pois a rádio fica situada nas proximidades da zona de atracamento das lanchas. Ao chegarem de viagem, os ouvintes queriam comunicar seus parentes sobre sua chegada. Martins (2005) registra, no entanto, que eles eram mal atendidos. Os recados eram passados por uma pequena abertura na parede da rádio, pois a entrada não era permitida. Atualmente já existe sala de espera e água.

Alguns apresentadores se destacaram à frente dos microfones do Alô alô Amazônia: Valdo Sales e Maria José (1995), e a dupla Rodrigo da Fonseca e Silva e Janete Carvalho (2004). Janete Carvalho (A maravilha do rádio) e Lima Júnior (O playboy da Amazônia) dividem a locução há mais de 10 anos.

Os moradores do interior do Amapá e dos municípios paraenses de Gurupá, Breves e Chaves [15] utilizam o programa como uma espécie de "pombo-correio eletrônico". A importância do "Alô alô Amazônia", pode ser mensurada pelo fato do governador Walter Góes, em 2015, ter sofrido duras críticas por ter permitido o aumento do valor das mensagens divulgadas na rádio. Os ribeirinhos se revoltaram contra a emissora por ter aumentado de R$2,00 para R$5,00 o preço das mensagens do programa.

> "Isso é um absurdo. A Rádio Difusora é do povo e não há nenhuma justificativa para um aumento desses. O povo ribeirinho quando vem vender

[15] Disponível em: https://amazoniaviaamapa.wordpress.com/2010/02/12/amazonia-ribeirinho-amapa/ e https://www.portal.ap.gov.br/noticia/1805/radio-difusora-transmite-programacao-em-tempo-real-no-facebook

> seus produtos em Macapá já vem com sacrifício e ganhando pouco. Duas mensagens são o equivalente a um prato de comida", argumenta o ribeirinho Raimundo Vilhena (Redação MZ. Portal Marco Zero. 07 de fev. 2015)

Apesar das reclamações, o preço cobrado continua com o reajuste para quem deseja enviar mensagens.

> "Quando a gente chega na cidade é normal avisar a família que a viagem ocorreu tudo bem, mas agora, com esse valor, fica impossível dar qualquer recado", lamenta o pescador José Maciel. (Portal Marco Zero. 07 de fev. 2015)

Em março de 2018, no entanto, a Rádio Difusora estabeleceu um atendimento para os ouvintes do município de Santana (AP), para que os ribeirinhos possam buscar o serviço sem ter que se deslocar até a capital, Macapá, para enviar suas mensagens. O atendimento é feito em um box e depois, as mensagens são reunidas e enviadas para RDM em Macapá para serem transmitidas no programa.

Conclusão

O rádio continua vivo e atuante. Em localidades distantes do Pará e Amapá, no extremo Norte do Brasil, sua função social é ainda mais valorizada. O programa Alô, alô Amazônia é um exemplo de "programa amigo" do ouvinte, levando informação, cultura, entretenimento e, em tempos de aplicativos como WhatsApp, recados. Um verdadeiro pombo-correio hertziano. Recuperar parte dessa história permite entender a grande diversidade que compõe a comunicação no país e o papel essencial do veículo nessa interação.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Cláudia; CARVALHO, Suzele da S.; CAVALCANTE, Patrícia S. **"O melhor som da cidade, a êfemera Rádio Equatorial de Macapá".** Unifap, 2012. Disponível em <http://www2.unifap.br/c-regional/files/2012/12/RÁDIO-EQUATORIAL.pdf.> Acesso em: 12 de março de 2018.

CORREIO DE SANTANA. **Alô Alô Amazônia: ribeirinhos podem passar recados para o interior do super facil Santana.** 2018. Disponível em <http://www.correiodesantana.com.br/noticia/896/alo-alo-amazonia-ribeirinhos-podem-passar-recados-para-o-interior-do-super-facil-santana > Acesso em 12 de março de 2018.

COSTA, Luciana M. **Aonde só o rádio chega. 70 Anos de Radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Sonia Virgínia Moreira (Org.). Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2011. P.305 a 322.

COSTA, Luciana M. **Terceirização, promoções e jornalismo: o rádio em Belém busca nova identidade.** In: Desafios do Rádio no Século XXI. Sonia Virgínia Moreira e Nélia R. Del Bianco (Orgs). SP: Intercom. RJ: UERJ, 2001. P. 209 a 222

COSTA, Luciana M., SOUSA, Sandra e COSTA, Paula. **Panorama do Rádio em Belém.** In: PRATA, Nair (Org). Panorama do Rádio no Brasil. Vol1. Florianópolis: Insular, 2011. P.39 a 61

CUNHA, Rodrigo. **Panorama do Rádio em Macapá.** In: PRATA, Nair(org). Panorama do Rádio no Brasil. Vol1. Florianópolis: Insular, 2011.

FERRARETTO, Luiz. **No rádio – O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Paulo. **Após o regatão, o rádio e a televisão**. 2005. Disponível em <www.ufrgs.br/.../Apos%20o%20regatao-%20o%20radio%20e%20a%20televisao.doc>
. Acesso em 15 de agosto de 2017.

FIGUEIREDO, Alexandre. **História do rádio AM**. Locutor, 2003. Disponível no site <www.locutor.info/Biblioteca/**Historia_do_Radio_AM**.doc >. Acesso em 18 março de 2017

GOMES, Adriano. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso.** 2007. Disponível no site http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-narrativas-orais.pdf. Acesso em 15 agosto. 2017.

GONTIJO, Silvana. **O Livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HADAD, Carla; SERRA, Odilson; OLIVEIRA, Ivan. **Rádio Difusora de Macapá: Ícone do Jornalismo Amapaense.** (s.l) Projeto História da Comunicação Amapaense. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011. No prelo. Disponível em < http://www2.unifap.br/c-regional/files/2012/12/R%C3%81DIO-DIFUSORA.pdf>

HAUSSEN, D. Fagundes. **A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses**. 2001. Disponível no site <www.pucrs.br/famecos/pesquisa/radionobrasil/artigo.pdf>. Acesso em agosto de 2017.

JACKS, Nilda (coord.) **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio.** São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, Benedito R.. **Alô, Alô, Amazônia.** SP: Editora Limiar, 2005.

MENEZES, J.E.O. **Rádio e Cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Anablume, 2007.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Rádio: Interatividade entre rosas e espinhos**. Revista Novos Olhares, v.1, n.2, p.13-30, 1998.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação de conteúdos.** São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PÁGINA OFICIAL DO FACEBOOK DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ. **Rádio Difusora de Macapá.** Disponível em < https://www.facebook.com/radiodifusorademacapa >

PORTAL MARCO ZERO. **Alô Alô Amazônia dobra preço e ribeirinhos são obrigados a pagar R$ 5 por mensagem.** 2015. Disponível em < **http://mzportal.com.br/?p=425>** Acesso em 12 de março de 2018.

PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ. **Rádio Difusora de Macapá**. Disponível em < www.difusora.ap.gov.br/interno.php?dm=519>

RUDIGER, Francisco**. As teorias da comunicação.** Porto Alegre. Penso, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear em rede**. Vozes, 2010.

VIEIRA, Ruth & GONÇALVES, Fátima. **Ligo o rádio para sonhar**. Belém: Coordenadoria da Prefeitura de Belém, 2003.